

Globethics Repository

The logo for Globethics, featuring the word "Globethics" in white sans-serif font on a blue rectangular background.

Pensar a América Latina para além do latio-americanismo [Think Latin America beyond the Latio-Americanism]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository.
More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy
of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

Item Type	Article
Authors	Machado, Ricardo
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-09-04 05:59:15
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/158380

Pensar a América Latina para além do latino-americanismo

Professor Santiago Castro-Gómez debate o pensamento produzido em nosso continente desde uma perspectiva genealógica

POR RICARDO MACHADO E ANDRIOLLI COSTA

Na análise do professor e pesquisador Santiago Castro-Gómez, a América Latina não deve ser tratada como um espaço de unidade cultural contínua e unívoca, mas, sim, entendida a partir de suas complexidades. “Precisamos compreender esses processos a partir de nós mesmos, da nossa história, e me parece importante traçar essa história com critérios e tomá-los da realidade latino-americana, o que não significa cair em latino-americanismo”, sustenta Santiago, em entrevista concedida pessoalmente à **IHU On-Line**, quando esteve na Unisinos participando do *Ciclo de Conferências 2014: A “questão pós” nas Ciências Humanas*, organizado pelo PPG em Ciências Sociais da universidade.

Diante de tal cenário, o professor explica, primeiro, as diferenças conceituais entre colonialismo e colonialidade, para avançar em sua defesa ao pensamento descolonial. “Colonialismo faz referência à presença militar, política e administrativa de uma potência em um território estrangeiro (...). Colonialidade faz referência às gerências do colonialismo mesmo depois que ele desaparece.

O racismo é uma herança colonial, bem como certos modos de paternalismo e o machismo”, esclarece. “É preciso deixar claro que o pensamento descolonial não impõe a exclusão de teorias ou pensamentos provenientes de outras partes do mundo. Ou seja, o pensamento descolonial não sugere que devemos criar categorias propriamente latino-americanas ou brasileiras, por exemplo”, complementa.

Santiago Castro-Gómez é graduado em Filosofia na Universidade Santo Tomás, em Bogotá, na Colômbia. Realizou mestrado também em Filosofia na Universidade de Tübingen e, posteriormente, doutorou-se na Johann Wolfgang Goethe-Universität de Frankfurt, ambas na Alemanha. Atualmente é professor de Filosofia na Universidade Javeriana, em Bogotá. É autor de diversas obras, entre elas, *Crítica de la razón latino-americana* (Bogotá: Editorial Pontificia Universidad Javeriana, 2011 – 2ª ed) e *La hybris del punto cero. Ciencia, raza e ilustración en la Nueva Granada (1750-1816)* (Bogotá: Universidad Javeriana, 2005).

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Quais eram os avanços e os limites da visão filosófica propagada pelo Grupo de Bogotá para compreender os dilemas latino-americanos?

Santiago Castro-Gómez – Explico primeiramente o que foi o Grupo de Bogotá. Trata-se de um conjunto de filósofos da Universidade São Tomás de Bogotá dos anos 1970 que questionou se existia ou não uma filosofia latino-americana. Se existia uma filosofia que fosse capaz de dar conta dos problemas específicos da América Latina e que se diferenciasse, tanto nos métodos quanto nos conteúdos, da tradicional filosofia europeia ocidental.

Quanto ao ponto de vista do grupo, houve acertos e dificuldades. Um

dos acertos foi pensar uma filosofia assentada em um contexto concreto, ou seja, que a filosofia, o pensamento e a razão estivessem situados empiricamente. Assim, deixa-se de pensar a filosofia como algo abstrato, que não tem lugar, rompendo com a ideia de que os problemas filosóficos no Japão e na América Latina, por exemplo, são iguais. Este Grupo de Bogotá fez esse trabalho muito bem, porque defendia que não se pode separar o filósofo do meio onde ele está pensando.

O problema, entretanto, é o modo como o grupo entendia a América Latina, pois tinha uma percepção muito homogênea e unificada; pensava-se que o continente possuía um âmbito cultural de continuidade. Isto

é, não se tinha em conta as particularidades e multiplicidades, o que parece ter sido um dos grandes problemas.

IHU On-Line – De que forma esta visão divergia do pensamento alemão e dos filósofos da pós-modernidade?

Santiago Castro-Gómez – O Grupo de Bogotá se nutria teoricamente da Filosofia da Libertação, de Enrique Dussel¹, e, por outro lado, do pensa-

¹ Enrique Dussel (1934): filósofo argentino radicado (exilado) desde 1975 no México. É um dos maiores expoentes da Filosofia da Libertação e do pensamento latino-americano em geral. Autor de uma grande quantidade de obras, seu pensamento discorre sobre temas como filosofia, política, ética e teologia. Tem se colocado como crítico da pós-modernidade

mento historicista do mexicano Leopoldo Zea², cuja perspectiva é calcada no historicismo alemão, tradição que subsidiava o pensamento e a razão. Inclusive, o pensamento de Dussel tinha certa filiação ao pensamento de Heidegger³. Então o Grupo de Bogotá, apesar de proclamar a necessidade de uma filosofia latino-americana independente do pensamento europeu, tinha suas fontes embasadas no historicismo alemão e na antologia fundamental de Heidegger.

IHU On-Line – Que diferenças há entre esses autores alemães e os pós-modernos?

Santiago Castro-Gómez – Uma grande diferença é, precisamente, que o Grupo de Bogotá não dava ênfase às singularidades e às multiplicidades, ao contrário, eles tinham uma imagem de América Latina muito “englobante”, totalizante, como um metarrelato latino-americanista. Por outro lado, continuavam muito vincu-

chamando por um novo momento denominado transmodernidade. Tem mantido diálogos com filósofos como Apel, Gianni Vattimo, Jürgen Habermas, Richard Rorty, Lévinas. É um crítico do pensamento eurocêntrico contemporâneo. (Nota da IHU On-Line)

2 Leopoldo Zea Aguilar (1912-2004): filósofo mexicano defensor do latino-americanismo integral na história. Ficou reconhecido por sua tese de graduação *O positivismo no México* (1945), em que aplicou e estudou o positivismo no contexto de seu país na transição dos séculos XIX e XX. (Nota da IHU On-Line)

3 Martin Heidegger (1889-1976): filósofo alemão. Sua obra máxima é *O ser e o tempo* (1927). A problemática heideggeriana é ampliada em *Que é Metafísica?* (1929), *Cartas sobre o humanismo* (1947), *Introdução à metafísica* (1953). Sobre Heidegger, confira as edições 185, de 19-06-2006, intitulada *O século de Heidegger*, disponível em <http://bit.ly/ihuon185>, e 187, de 03-07-2006, intitulada *Ser e tempo. A desconstrução da metafísica*, em <http://bit.ly/ihuon187>. Confira, ainda, **Cadernos IHU em formação** nº 12, *Martin Heidegger. A desconstrução da metafísica*, que pode ser acessado em <http://bit.ly/ihuem12>. Confira, também, a entrevista concedida por Ernildo Stein à edição 328 da revista **IHU On-Line**, de 10-05-2010, disponível em <http://bit.ly/ihuon328>, intitulada *O biologismo radical de Nietzsche não pode ser minimizado*, na qual discute ideias de sua conferência A crítica de Heidegger ao biologismo de Nietzsche e a questão da biopolítica, parte integrante do ciclo de estudos *Filosofias da diferença* - pré-evento do XI Simpósio Internacional IHU: *O (des)governo biopolítico da vida humana*. (Nota da IHU On-Line)

lados à filosofia moderna dos sujeitos, seguiam pensando que o problema do continente era a emancipação dos sujeitos, fundada na filosofia moderna. Então o pensamento pós-moderno passou a romper com este pensamento iluminista.

IHU On-Line – É possível promover um diálogo entre estas tradições filosóficas para buscar uma melhor compreensão da complexidade?

Santiago Castro-Gómez – Sem dúvida. Creio que há uma linha da filosofia alemã que se pode reconstruir desde Nietzsche⁴ até a Escola de Frankfurt e a qual seria útil recuperar para pensar os problemas contemporâneos. Isso porque Nietzsche é um pensador fundamental, assim como o são os primeiros escritos da Escola de Frankfurt⁵, dos anos 1930 e 1940; ou

4 Friedrich Nietzsche (1844-1900): filósofo alemão, conhecido por seus conceitos além-do-homem, transvaloração dos valores, niilismo, vontade de poder e eterno retorno. Entre suas obras figuram como as mais importantes *Assim falou Zaratustra* (9ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998), *O anticristo* (Lisboa: Guimarães, 1916) e *A genealogia da moral* (5. ed. São Paulo: Centauro, 2004). Escreveu até 1888, quando foi acometido por um colapso nervoso que nunca o abandonou até o dia de sua morte. A Nietzsche foi dedicado o tema de capa da edição número 127 da **IHU On-Line**, de 13-12-2004, intitulada *Nietzsche: filósofo do martelo e do crepúsculo*, disponível para download em <http://bit.ly/HI7xwP>. A edição 15 dos **Cadernos IHU em formação** é intitulada *O pensamento de Friedrich Nietzsche*, e pode ser acessada em <http://bit.ly/HdcqOB>. Confira, também, a entrevista concedida por Ernildo Stein à edição 328 da revista **IHU On-Line**, de 10-05-2010, disponível em <http://bit.ly/162F4rH>, intitulada *O biologismo radical de Nietzsche não pode ser minimizado*, na qual discute ideias de sua conferência A crítica de Heidegger ao biologismo de Nietzsche e a questão da biopolítica, parte integrante do Ciclo de Estudos Filosofias da diferença - Pré-evento do XI Simpósio Internacional IHU: *O (des)governo biopolítico da vida humana*. Na edição 330 da revista **IHU On-Line**, de 24-05-2010, leia a entrevista *Nietzsche, o pensamento trágico e a afirmação da totalidade da existência*, concedida pelo Prof. Dr. Oswaldo Giacoia e disponível para download em <http://bit.ly/nqUxGO>. Na edição 388, de 09-04-2012, leia a entrevista *O amor fati como resposta à tirania do sentido*, com Danilo Bilate, disponível em <http://bit.ly/HzaJpJ>. (Nota da IHU On-Line)

5 Escola de Frankfurt: escola de pensamento formada por professores, em grande parte sociólogos marxistas alemães. Abordou criticamente aspectos contem-

seja, há uma vertente do pensamento alemão que segue importante até hoje. Creio que seja a vertente da qual se valeu Foucault⁶, que recorre muito a Nietzsche, mas também com muitos trabalhos da Escola de Frankfurt, o que considero importante e frutífero para pensar a contemporaneidade.

IHU On-Line – Qual a diferença entre colonialismo e “colonialidade”?

Santiago Castro-Gómez – São dois conceitos distintos porque colonialismo faz referência à presença militar, política e administrativa de uma potência em um território estrangeiro, conforme a concepção clássica do colonialismo. Isto é, a ocupação de

porâneos das formas de comunicação e cultura humanas. Deve-se à Escola de Frankfurt a criação de conceitos como indústria cultural e cultura de massa. Entre os principais professores e acadêmicos da Escola podemos destacar: Theodor Adorno (1903-1969), Max Horkheimer (1885-1973), Walter Benjamin, Herbert Marcuse (1917-1979), Franz Neumann, entre outros. (Nota da IHU On-Line)

6 Michel Foucault (1926-1984): filósofo francês. Suas obras, desde a *História da Loucura* até a *História da sexualidade* (a qual não pôde completar devido a sua morte) situam-se dentro de uma filosofia do conhecimento. Suas teorias sobre o saber, o poder e o sujeito romperam com as concepções modernas destes termos, motivo pelo qual é considerado por certos autores, contrariando a própria opinião de si mesmo, um pós-moderno. Seus primeiros trabalhos (*História da Loucura*, *O Nascimento da Clínica*, *As Palavras e as Coisas*, *A Arqueologia do Saber*) seguem uma linha estruturalista, o que não impede que seja considerado geralmente como um pós-estruturalista devido a obras posteriores, como *Vigiar e Punir* e *A História da Sexualidade*. Foucault trata principalmente do tema do poder, rompendo com as concepções clássicas do termo. Para Foucault, o poder não somente reprime, mas também produz efeitos de saber, constituindo verdades, práticas e subjetividades. Em várias edições, a **IHU On-Line** dedicou matéria de capa a Foucault: edição 119, de 18-10-2004, disponível em <http://bit.ly/ihuon119>; edição 203, de 06-11-2006, disponível em <http://bit.ly/ihuon203>; edição 364, de 06-06-2011, intitulada *‘História da loucura’ e o discurso racional em debate*, disponível em <http://bit.ly/ihuon364>; edição 343, *O (des)governo biopolítico da vida humana*, de 13-09-2010, disponível em <http://bit.ly/ihuon343>, e edição 344, *Biopolítica, estado de exceção e vida nua. Um debate*, disponível em <http://bit.ly/ihuon344>. Confira ainda a edição nº 13 dos **Cadernos IHU em formação**, disponível em <http://bit.ly/ihuem13>, *Michel Foucault. Sua contribuição para a educação, a política e a ética*. (Nota da IHU On-Line)

um território estrangeiro e imposição das estruturas de poder e dominação política e econômica. Colonialidade faz referência às gerências do colonialismo mesmo depois que ele desaparece. O racismo é uma herança colonial, bem como certos modos de paternalismo e o machismo. Há uma série de heranças que persistem mesmo após o colonialismo.

IHU On-Line – Qual a importância do estabelecimento de uma matriz filosófica própria à realidade latino-americana para promover um pensamento descolonial?

Santiago Castro-Gómez – É preciso deixar claro que o pensamento descolonial não impõe a exclusão de teorias ou pensamentos provenientes de outras partes do mundo, esta é uma questão importante. Ou seja, o pensamento descolonial não sugere que devemos criar categorias propriamente latino-americanas ou brasileiras, por exemplo. Já o pensamento colonial tem mais a ver com o uso de ferramentas teóricas para resolver ou pensar problemas locais que têm muito a ver com a situação destes países na América Latina. As ferramentas, porém, podem vir de qualquer parte, o que importa são as formas como se utilizam os modelos teóricos.

Algumas pessoas me criticam porque falo de descolonialidade mas uso Foucault. Porém, não vejo nada de contraditório nisso. Poderia usar Marx⁷, também, sem problemas. A colonialidade tem mais a ver com certa “reverência” às soluções que

vêm da Europa ou certo ponto de vista de que podemos transpassar as soluções empregadas em outras partes do mundo sem ajustes à nossa própria realidade.

IHU On-Line – Em que medida o pensamento desconstrucionista de Derrida ajuda a pensar essa complexidade?

Santiago Castro-Gómez – Não tenho me ocupado muito com Derrida⁸, mas me parece que a desconstrução é uma ferramenta útil, porque não é possível nenhum processo emancipatório sem desconstrução. Tenho me dedicado mais ao método genealógico de Foucault, mas reconheço que há um paralelo entre a desconstrução derridiana e a genealogia foucaultiana. Ambos os métodos são desconstrutivos em última medida, pois a genealogia busca examinar historicamente as distintas linhas que nos compõem, a forma como temos sido construídos ao longo do tempo e tentando separar estas coisas. A genealogia busca compreender as condições da experiência, porém tais condições são históricas, não estão claras em uma subjetividade transcendental ou identidade cultural, mas são condições que são explicadas pelo tempo, e a genealogia é o que faz a história dessas condições.

IHU On-Line – Quais os perigos de, ao buscar a fuga do pensamento colonial, incorrer na recusa de diálogos possíveis?

Santiago Castro-Gómez – Há um risco muito grande de um essencialismo de pessoas que pensam que o pensamento descolonial pressupõe

se recolher tão somente a uma matriz ameríndia, pré-colombiana. Trata-se de um equívoco muito grande. O impacto disso é uma certa radicalização política, de suspeitar sempre de tudo que vem de fora. Há um risco de idealização de determinados sujeitos, os indígenas, os afrodescendentes, tratando de colocar nesses grupos pretensões excessivas em termos políticos, como se as subjetividades dessas formas de existência pudessem trazer soluções emancipatórias para todos. Isso é um movimento político muito perigoso.

IHU On-Line – Por que o ideal moderno parece ser tão pouco aplicável no século XXI?

Santiago Castro-Gómez – A nossa realidade foi modelada pela modernidade. Se olharmos a história da América Latina, perceberemos que ela é constituída pela formação dos Estados-Nação, a incorporação de nossas economias ao capitalismo, a legitimação das entidades modernas como a educação e os meios de comunicação. Isto é, pensar a história da América Latina sem os processos de institucionalização parece impossível. A América Latina já é um projeto da modernidade. O perigo é, justamente, a ficção de acreditar que o nosso continente pode ser pensado por fora da modernidade, porque há, nesse ponto de vista, um grande risco analítico.

Entretanto, como a nossa forma de inserção à modernidade foi por meio da matriz colonial, porque nos integramos à modernidade devido à expansão colonial europeia, gerou-se uma confusão sobre a forma como a modernidade se instaurou na Europa e nas nossas nações. Inclusive é preciso entender como os processos de colonização avançaram na América Latina sem querer compreendê-los a partir de uma racionalidade pura. Precisamos compreender esses processos a partir de nós mesmos, da nossa história, e, por exemplo, me parece importante traçar essa história com critérios e tomá-los da realidade latino-americana, o que não significa cair em latino-americanismo.

7 **Karl Marx** (Karl Heinrich Marx, 1818-1883): filósofo, cientista social, economista, historiador e revolucionário alemão, um dos pensadores que exerceram maior influência sobre o pensamento social e sobre os destinos da humanidade no século XX. A edição número 41 dos *Cadernos IHU ideias*, de autoria de Leda Maria Paulani, tem como título *A (anti) filosofia de Karl Marx*, disponível em <http://bit.ly/173IFhO>. Também sobre o autor, confira a edição número 278 da *IHU On-Line*, de 20-10-2008, intitulada *A financeirização do mundo e sua crise. Uma leitura a partir de Marx*, disponível em <http://bit.ly/ihuon278>. Leia, igualmente, a entrevista *Marx: os homens não são o que pensam e desejam, mas o que fazem*, concedida por Pedro de Alcântara Figueira à edição 327 da *IHU On-Line*, de 03-05-2010, disponível em <http://bit.ly/ihuon327>. (Nota da IHU On-Line)

8 **Jacques Derrida** (1930-2004): filósofo francês, criador do método chamado desconstrução. Seu trabalho é associado, com frequência, ao pós-estruturalismo e ao pós-modernismo. Entre as principais influências de Derrida encontram-se Sigmund Freud e Martin Heidegger. Entre sua extensa produção, figuram os livros *Gramatologia* (São Paulo: Perspectiva, 1973), *A farmácia de Platão* (São Paulo: Iluminuras, 1994), *O animal que logo sou* (São Paulo: UNESP, 2002), *Papel-máquina* (São Paulo: Estação Liberdade, 2004) e *Força de lei* (São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007). Dedicamos a Derrida a editoria Memória da *IHU On-Line* nº 119, de 18-10-2004, disponível em <http://bit.ly/ihuon119>. (Nota da IHU On-Line)